

FRI, 24 SEP 2021

Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.

## Bancos centrais afastam receios da Evergrande

PAULO ROSA Economista sénior Banco Carregosa

### MERCADOS

Mercados penalizados pela Evergrande no início da semana, recuperam com adiamento do 'tapering' pela Reserva Federal dos EUA. O início da semana começou com um sell-off nos mercados acionistas penalizados pelo agudizar das dificuldades de solvabilidade da Evergrande, uma das maiores promotoras imobiliárias chinesas. Todavia, na quarta-feira os mercados recuperaram depois de a Evergrande referir que honraria os seus compromissos financeiros que expirariam esta semana e realizaria alguns pagamentos de juros, impulsionando as ações da Evergrande cotadas em Frankfurt que subiram 41% após terem atingido mínimos de vários anos na sessão anterior de terça-feira. Os principais índices de ações globais acabaram por ser também impulsionados na segunda metade da semana pelo adiamento das conversações, no seio da Reserva Federal dos EUA, quanto à altura mais adequada para iniciarem a redução da compra de ativos de 120 mil milhões de dólares mensais, 80 mil milhões de títulos da dívida do tesouro norte-americano e 40 mil milhões de títulos garantidos por hipotecas (MBS, Mortgages Backed Securities). Os investidores na sua maioria aprovaram as palavras de Jerome Powell, nomeadamente o 'em breve' que ditava por enquanto o adiamento da retirada de estímulos monetários, incentivos esse que têm em boa parte alicerçado a evolução positiva dos mercados acionistas nos últimos 18 meses, a par dos bons resultados das empresas. Contudo, a Fed reviu em baixa o crescimento económico e em alta a inflação para este ano, e o novo diagrama 'dot plot' trimestral reflete agora uma divisão entre os membros da Fed, com mais dois membros a anteciparem subida de taxas em 2022. Agora são 9 em 18. Em junho eram 7 membros em 18. O Banco de Inglaterra (BoE) manteve as suas taxas de juro inalteradas, consenso alcançado por unanimidade, e as compras de ativos permaneceram nos 875 mil milhões de libras, mas também reviu em baixa as projeções de crescimento e alertou que inflação vai subir acima de 4% este ano. O Banco do Japão (BoJ) manteve a sua política monetária marcadamente acomodatória, mas reviu em baixas as exportações. Projeções macroeconómicas mais desfavoráveis dos bancos centrais acabam por reforçar a política monetária fortemente expansionista das autoridades monetárias e uma postura e um discurso mais 'dovish' que alimentam os mercados financeiros e reavivam o fator TINA (There Is No Alternative), obrigando os investidores que procuram rentabilidade a escalarem no patamar de risco e impulsionar os mercados acionistas. Os dados macroeconómicos no final da semana acabaram por corroborar as revisões em baixa das projeções económicas dos bancos centrais. Os PMI (Purchasing Managers Index) medem a atividade industrial e e dos serviços e em setembro foram mais fracos do que em agosto e abaixo das estimativas do mercado nas principais economias mundiais, EUA, Alemanha, França e Zona Euro. Os pedidos de empregos semanais nos EUA aumentaram na semana terminada a 18 de setembro e totalizam 351.000, pior do que o esperado. O total de subsídios recebidos em todos os programas caiu drasticamente à medida que os programas federais diminuíram. ■

Aly Song/Reuters

<b>OUTLET</b>	Jornal Económico	<b>FREQUENCY</b>	Weekly
<b>COUNTRY</b>	Portugal	<b>CIRCULATION</b>	10,000 Weekly
<b>LANGUAGE</b>	Portuguese	<b>IMPRESSIONS</b>	20,000
<b>SIZE</b>	400 cc	<b>AVE</b>	€5,634
<b>PAGE</b>	22	<b>SENTIMENT</b>	Neutral
		<b>DISTRIBUTION</b>	Portugal

# Bancos centrais afastam receios da Evergrande

Mercados penalizados pela Evergrande no início da semana, recuperaram com adiamento do 'tapering' pela Reserva Federal dos EUA.

**PAULO ROSA**

Economista sénior  
Banco Carregosa

O início da semana começou com um *sell-off* nos mercados acionistas penalizados pelo agudizar das dificuldades de solvabilidade da Evergrande, uma das maiores promotoras imobiliárias chinesas. Todavia, na quarta-feira os mercados recuperaram depois de a Evergrande referir que honraria os seus compromissos financeiros que expirariam esta semana e realizaria alguns pagamentos de juros, impulsionando as ações da Evergrande cotadas em Frankfurt que subiram 41% após terem atingido mínimos de vários anos na sessão anterior de terça-feira.

Os principais índices de ações globais acabaram por ser também impulsionados na segunda metade da semana pelo adiamento das conversações, no seio da Reserva Federal dos EUA, quanto à altura mais adequada para iniciarem a redução da compra de ativos de 120 mil milhões de dólares mensais, 80 mil milhões de títulos da dívida do tesouro norte-americano e 40 mil milhões de títulos garantidos por hipotecas (MBS, Mortgages

Backed Securities). Os investidores na sua maioria aprovaram as palavras de Jerome Powell, nomeadamente o 'em breve' que ditava por enquanto o adiamento da retirada de estímulos monetários, incentivos esse que têm em boa parte alicerçado a evolução positiva dos mercados acionistas nos últimos 18 meses, a par dos bons resultados das empresas. Contudo, a Fed reviu em baixa o crescimento económico e em alta a inflação para este ano, e o novo diagrama 'dot plot' trimestral reflete agora uma divisão entre os membros da Fed, com mais dois membros a anteciparem subida de taxas em 2022. Agora são 9 em 18. Em junho eram 7 membros em 18.

O Banco de Inglaterra (BoE) manteve as suas taxas de juro inalteradas, consenso alcançado por unanimidade, e as compras de ativos permaneceram nos 875 mil milhões de libras, mas também reviu em baixa as projeções de crescimento e alertou que inflação vai subir acima de 4% este ano. O Banco do Japão (BoJ) manteve a sua política monetária marcadamente acomodaticia, mas reviu em baixas as exportações.

Projeções macroeconómicas



Aly Song/Reuters

mais desfavoráveis dos bancos centrais acabam por reforçar a política monetária fortemente expansionista das autoridades monetárias e uma postura e um discurso mais 'dovish' que alimentam os mercados financeiros e reavivam o fator TINA (There Is No Alternative), obrigando os investidores que procuram rentabilidade a escalamem no patamar de risco e impulsionar os mercados acionistas.

Os dados macroeconómicos no final da semana acabaram por corroborar as revisões em baixa das projeções económicas dos bancos

centrais. Os PMI (Purchasing Managers Index) medem a atividade industrial e e dos serviços e em setembro foram mais fracos do que em agosto e abaixo das estimativas do mercado nas principais economias mundiais, EUA, Alemanha, França e Zona Euro. Os pedidos de empregos semanais nos EUA aumentaram na semana terminada a 18 de setembro e totalizam 351.000, pior do que o esperado. O total de subsídios recebidos em todos os programas caiu drasticamente à medida que os programas federais diminuíram. ■